

# DAS RELAÇÕES DE PODER E IDEOLOGIA NO ENSINO DE UMA L2

PÂMELA SELSO MARTINS<sup>1</sup>  
pam\_martins1@yahoo.com.br

## ABSTRACT

*El presente trabajo tiene por finalidad analizar las cuestiones de ideología y poder en la enseñanza de una segunda lengua, o sea, los componentes culturales, sociales, políticos e ideológicos intrínsecos en el hecho de aprender una L2. Se sabe que quien aprende es subsidiado por pre concepciones acerca de la enseñanza, o sea, trae en uno mismo una expectativa cuanto al aprendizaje de una lengua extranjera. Esas expectativas o primeras impresiones son demostradas luego enseguida a las primeras clases. Algunas cuestiones ideológicas, políticas y de poder que se tornan perceptibles al profesor en el tránscurso de las clases son verificadas por medio de visiones particulares, y hasta mismo, las propias acciones de los alumnos en clase. También serán abordadas cuestiones referentes a la práctica y a la formación del profesor de lengua extranjera, así como la influencia de sus percepciones particulares acerca de la lengua-albo en la eficacia del aprendizaje del alumno en cuestión, o sea, lo qué este cargará del profesor y de él mismo en el proceso cognitivo de adquisición de una L2.*

**Palabras clave:** Ideología; Poder; Enseñanza; L2

## 1 COMUNICAÇÃO E ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Sabe-se que quem ensina uma língua estrangeira tem, em parte, uma posição cultural, social, de poder e de ideologia que defende ou demonstra no momento de ensinar. Sabe-se também que quem aprende carrega internamente todas essas questões. Resta saber se uma se sobrepõe às outras ou cada uma se torna mais visível dependendo das situações e da realidade de cada aprendiz no decorrer das atividades.

É sabido, também, que a prática pedagógica e a atuação de um professor em sala de aula influenciam muito na aprendizagem ou não dos sujeitos envolvidos, ou seja, é através da maneira de conduzir e orientar as atividades que cada um irá apropriar-se do saber mais rapidamente ou não.

Percebe-se que a participação do aluno, expressa como vontade, determinação e interesse em aprender, torna o ensino muito mais eficaz e produtivo, porém, o que não deve ser esquecido é que muitos continuam ou deixam de estudar pela ação do professor. A relação entre professor e aluno é de suma importância para o bom percurso do aprendizado, ou seja, ambos caminhando juntos forçarão um ensino prático e constante. Porém, há momentos em que ensinar e aprender exige atitudes coerentes.

tes e claras. Essa questão é abordada por Reinaldo Matias Fleuri (1999), quando diz que

na relação professor-aluno, com efeito, há duas dimensões que se articulam dialéticamente: a dimensão do saber, pela qual se considera que o professor sabe e o aluno não sabe; e a dimensão do poder, pela qual se considera que o professor deve dirigir a programação didática (ensinar) e o aluno deve executá-la (aprender). (p. 82).

Ensinar uma língua estrangeira somente será viável se ambas as partes estiverem em comum acordo e entendimento da real necessidade de se aprender uma L2, ou seja, faz-se oportuno, aí, o professor explicitar sua metodologia e o aluno suas intenções. O resultado do aprendizado efetivo dependerá muito destas questões, bem como da análise dos elementos intrínsecos no processo de aprendizagem. De acordo com Almeida Filho (1998), a aprendizagem de uma língua estrangeira

se dá sempre num contexto político-cultural de contato com o da língua materna, sendo freqüentes as manifestações de conflito ideológico em forma de rejeição subconsciente. (p.32).

Isso implica a ação e a reflexão constantes da prática educativa e da verificação do aprendizado do aluno, através dos processos utilizados para o contato com uma L2. O que se deseja demonstrar é que aprender uma língua estrangeira vai muito além do simples contato e conhecimento da língua-alvo, são processos comunicativos e educativos que abarcam questões políticas e ideológicas, culturais e sociais. Segundo Almeida Filho (1998), a aula de língua estrangeira como um todo

pode possibilitar ao aluno não só a sistematização de um novo código lingüístico que o ajudará a se conscientizar do seu próprio mas também a chance de ocasionalmente se transportar para dentro de outros lugares, outras situações e pessoas. (p.28).

Sem dúvida será de suma importância esse contato, porém, até que ponto elementos comunicativos como esses influenciarão a aprendizagem de aluno para aluno, de contexto para contexto e de situação para situação? O que estará influenciando mais o aluno ao querer aprender uma segunda língua? De que maneira esses elementos nortearão o curso do aprendizado? Questões como estas possibilitam um estudo aguçado frente ao ensino de uma L2, ou seja, dão meios pelos quais os professores poderão conduzir suas aulas, levando em consideração o desejo real em aprender do aluno.

Para o professor descobrir essas questões torna-se, deveras complicado. No entanto, há maneiras de nortear o trabalho pedagógico para que este fique a par do que seu aluno quer realmente com as aulas de língua estrangeira. Como explicita Richards (1994), é preciso ter claro, também que

la enseñanza de idiomas no es considerada una profesión en todas partes; esto es, una actividad que tiene características exclusivas, que requiere unas habilidades y una formación especial, que es una elección profesional permanente y socialmente valorada y que ofrece un alto nivel de satisfacción profesional. La percepción que los profesores tienen de su profesionalidad depende de sus condiciones de trabajo, de sus actitudes y aspiraciones personales y de las posibilidades profesionales que su comunidad les ofrece. (p.43).

Ademais disso, uma idéia comum

que subyace en distintos métodos de enseñanza de lenguas es que el aprendizaje de lenguas es un proceso sumamente interactivo. En la enseñanza se dedica mucho tiempo a la interacción entre profesor y alumnos y a la interacción entre los propios alumnos. (RICHARDS, 1994, p.128).

Algo que poderia facilitar a aprendizagem e oportunizar mais ativamente o contato do aluno com o meio cultural lingüístico de outra língua seria justamente um processo dinâmico e interativo entre professor e aluno. O professor de língua estrangeira deve facilitar e potenciar ao máximo o trabalho de aquisição em virtude de todos os meios tecnológicos hoje existentes. Isso significa que, se o aluno, em sala de aula, não consegue obter êxito, procurará recursos para sanar suas dúvidas mais eloquêntes, e isso implicará uma deturpação do aprendizado real. O aluno estará sujeito a variações múltiplas da linguagem (estrangeira, no caso) em situações que ele não saberá dominar por falta de experiência e até mesmo teoria, ensinadas pelo professor.

Para tanto, é necessário que o professor mesmo tome consciência de sua constante atualização e faça com que suas aulas tenham significado para o aprendiz. Viabilizar de maneira eficaz o ensino de uma L2 hoje se tornou uma questão puramente metodológica, ou seja, é através do que o professor dinamiza e proporciona em sala de aula que o futuro bilíngüe irá guiar-se e sentir-se motivado em aplicar seus conhecimentos em diferentes situações e contextos que ele mesmo, talvez criará. Dessa maneira, segundo Almeida Filho (1993), a formação e a capacitação do professor deve ser algo contínuo.

Quanto mais básica ela for, maior a probabilidade de ele agir em sala de aula e cobrar atitudes de seus alunos orientado por uma competência constituída intuições, crenças, experiências pessoais de como foram ensinados ou como aprenderam a L.E. Por outro lado, se o professor aprimora seu conhecimento, estando em constante crescimento profissional, ele é capaz de sair do nível da intuição e das crenças e passar a explicar com explicitude e articulação porque ensina da maneira que ensina e porque obtém os resultados que obtém. (p.96).

Ser professor é uma das tarefas comunicativas que mais abarcam complexidade. Ensinar uma segunda língua é duplamente complexo, pois sugere o envolvimento interdisciplinar na língua materna e na língua estrangeira muito mais amplo do que se imagina. Na visão de Richards (1994):

Enseñar es una actividad compleja, multidimensional. El profesor que tenga un conocimiento más extenso y una conciencia más profunda de los distintos componentes y dimensiones de la enseñanza estará mejor preparado para hacer juicios apropiados y tomar decisiones. (p.13).

O ensino irá justificar-se pela atuação profissional e coerente do professor. O aprendizado do aluno será uma resposta a essa atuação. Saber diversificar no ensino de língua estrangeira deve ser uma constante, pois, como aponta Lado y Blansitt (1967, citado por Giovannini, 1996):

El aprendizaje de lenguas extranjeras se concibe como un proceso de formación de hábitos similar al que se desarrolla al aprender a tocar un instrumento musical,

frente a lo que ocurre en el aprendizaje de otras asignaturas del currículo escolar. (p.11).

É deveras instigante a prática educativa e a maneira de direcionar a aquisição da L2, basta o professor ter consciência de que sua ação irá refletir-se na ação do aluno. O aluno traz consigo muitos elementos intrínsecos referentes ao ensino da língua estrangeira em questão, porém, dá prioridade ao que deseja com a aprendizagem da L2. De acordo com M. A. K. Halliday (1974):

Quando dizemos “aprender uma língua” queremos significar “aprender com eficiência e aceitável comportamento lingüístico em situações numa cultura não familiar”. Não queremos dizer “aprender a respeito de uma língua”. Esta é uma outra distinção que, por habitual que seja, deve ser levada em consideração se quisermos que os processos de ensino de um idioma se relacionem eficientemente com os do aprendizado dele. (p.214).

Toda essa reflexão nos remete ao ensino produtivo e real de uma segunda língua, isto é, até que ponto o aluno que adquire uma L2 está apto a exercer, para o que deseja, a língua-alvo. Aprender uma nova língua perpassa situações socioeconômicas, relaciona-se com a realidade atual e o fato de fazer-se necessário o domínio tanto da língua materna quanto da língua-alvo. A sociedade não deixa de impor essa necessidade, porém, aprender com eficiência é, para alguns, sumariamente importante nas condições em que convive ou trabalha. Podemos ver o mesmo na fala de Giovannini (1996):

Hay que tener en cuenta que relación que establecemos con una realidad socio-cultural nueva se produce siempre sobre La base de los presupuestos culturales que conforman nuestra propia identidad social, por lo que aprender una nueva lengua no es sólo alcanzar un dominio funcional de un nuevo código lingüístico, sino también ser capaz de interpretar y relacionarse con una realidad sociocultural diferente. (p.15).

Torna-se verdadeiramente importante, no ensino e aprendizagem de uma segunda língua, que professor e aluno estejam imbuídos de capacidade e interesse para tal finalidade. Ao tornar-se apto para exercer e “manipular” com eficácia uma língua estrangeira, o aprendiz irá deparar-se com outra realidade, outra cultura, outra visa onde mundo, etc., e tudo isso dependerá muito de seu domínio lingüístico para falar, ouvir, ler e escrever em se tratando de uma L2.

A ação e a permanente busca do aluno permitirão que todo o processo de aquisição se faça completo. É preciso, ao ensinar, dar subsídios e possibilidades de o futuro bilíngüe tornar-se, ademais de apto, consciente de sua possível ‘necessidade’ para o meio e a sociedade, a partir de então.

## **2 AQUISIÇÃO DE UMA L2: COMUNICANDO-SE EM LÍNGUA ESPANHOLA**

A prática de ensinar língua espanhola para alunos de um cursinho é, sem dúvidas, muito mais dinâmica que ensiná-la em sala de aula em regime regular de ensino. As situações comunicativas que envolvem o processo de ensino aprendizagem se tornam específicas ou ilimitadas dependendo do que deseja o próprio aluno.

Há muitas questões das quais se trabalharem em aula, isto é, cada comunidade lingüística, entendidas aqui como falar, ler, ouvir e escrever, determinada um tipo de abordagem e de metodologia. O professor de língua espanhola, no caso, precisa estar ciente de que ensinar esse novo idioma corresponderá ao aprimoramento ou não da internalização de um novo código lingüístico dotado de novas regras, novos significados e novos contextos.

Sobremaneira percebe-se, já de antemão, que para tornar-se apto a utilizar a língua espanhola, o aluno deve imbuir-se de tal maneira no aprendizado que compreenda também a necessidade de estar familiarizado com a própria língua materna, isto é, será através de um conhecimento prévio de regras e generalidades da língua mãe que o mesmo poderá refletir e socializar-se mais coerentemente com a língua estrangeira que pretende dominar. Sendo assim, lembramos o que diz Vygostky (1993) quando afirma que o êxito no aprendizado de uma língua estrangeira

depende de um certo grau de maturidade na língua materna. Uma língua estrangeira facilita o domínio das formas mais elevadas da língua materna. Goethe tinha razão ao dizer que “aquele que não conhece nenhuma língua estrangeira não conhece verdadeiramente a sua própria”. (p.94).

O que determina a aprendizagem, na maioria dos casos, são elementos como a ideologia e o poder, a cultura e o social, isto é, os alunos podem ser divididos em grupos onde cada um tem uma finalidade ao aprender a língua espanhola. Alguns querem aprender para viajar, outros para o bom andamento dos negócios, outros para status simplesmente, e assim por diante. O que justifica e transparece isso são suas próprias ações e atitudes em aula.

Há que se verificar também a interferência necessária do professor quanto a essas questões. Independentemente de o aluno estar desejoso de aprender a língua devido a um fator social ou político, cabe ao professor ensinar e cobrar o ensino de acordo com suas próprias ideologias, ou seja, mesmo que aquele futuro bilíngüe esteja ali por mero status social, é dever do professor aplicar sua metodologia em virtude do bom andamento das atividades.

Certamente o êxito do aluno dependerá muito do professor, mas especialmente do próprio aluno. A linguagem no contexto “cursinho de idiomas” é passiva de erros e acertos, de dúvidas e certezas etc., como mostra Marcuschi (2001) quando diz que a língua, seja ela na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as representações e as formações sociais. (p.35). E ainda que a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora. (p.25).

Para tanto, professor e aluno devem estar conscientes de que o erro, por exemplo, será uma constante nas aulas. Trabalhar atividades que facilitem a aquisição da L2 através dos erros mais freqüentes é uma alternativa, pois o aluno tende a errar com relação àquilo que ainda não internalizou. Para essa questão cita-se o que diz Giovannini (1996):

Los errores que se producen al realizar estos intentos nos permitirán detectar la interlengua en que se encuentra el alumno (...). Los primeros estudios sobre los errores que producían los alumnos en el proceso de aprendizaje de una lengua extranjera partieron de la base de que tales errores eran resultado de la interferencia de la lengua materna (L1) en el aprendizaje de la nueva lengua (L2). (p.12).

No entanto, há que se considerar que os aprendizes de língua espanhola também esbarram na questão do “portunhol”. Esse fenômeno é caracterizado pela proximidade do Brasil de países hispanofalantes. O contato para alguns alunos é freqüente e estes carregam “vícios” difíceis de serem corrigidos. Porém, não são situações que limitam o aprendizado, pelo contrário, possibilitam uma melhor intervenção do professor no processo de aquisição da língua espanhola. Nas palavras de Arias (1998), uma das características do portunhol

é o seu sotaque. Não importa se é um brasileiro falando espanhol ou um falante da língua castelhana falando português. Em geral os dois esbarram na pronúncia. Um dos motivos é que o alfabeto fonético das duas línguas é diferente. Embora muitas letras sejam comuns, as formas como se pronunciam variam. (p.81).

As primeiras aulas de língua espanhola são decisivas no tocante ao processo de internalização dessas questões, ou seja, é a oportunidade que o professor tem de demonstrar como situações parecidas irão prejudicá-lo em vez de ajudá-lo quando da utilização do espanhol fora da sala de aula.

A língua espanhola difere notadamente da língua portuguesa em muitas situações. O aluno pensa que pode adequar o que sabe da língua materna ao falar ou escrever em espanhol, porém, sentirá dificuldade ao ouvir e entender o que dizem os hispanos. Isso irá provocar o que podemos chamar de limitação pedagógica. De certa forma, lembramos que alguns alunos vêm ao curso para desenvolver mais a oralidade, outros a escrita etc., mas o professor, ciente da necessidade de todos os aspectos estarem em equilíbrio, ensina e cobra todas as modalidades.

Entre todos esses aspectos estão intrínsecos discursos e visões de mundo de cada sujeito envolvido. São esses aspectos que irão determinar a eficácia do aprendizado naquela questão mais oportuna para o aluno: trabalho, estudo apenas, vida social ou profissional. De acordo com Fiorin (2001):

Dois discursos podem trabalhar com os mesmos elementos semânticos e revelar duas visões de mundo completamente diferentes, porque o falante pode dar valores distintos aos elementos semânticos que utiliza. Alguns são considerados eufóricos, isto é, são valorizados positivamente, outros, disfóricos, ou seja, são valorizados negativamente. (p.21).

Acrescenta ainda que *cada uma das visões de mundo apresenta-se num discurso próprio.* (p.29). Tudo aquilo que caracteriza o sujeito em sua totalidade passa pela linguagem e pelo discurso. As formas e pensar e agir de cada um deixam transparecer sua imagem social e ideológica. Ao aprender uma L2, o aluno adapta ao seu discurso o novo código lingüístico aprendido, manuseando-o da maneira que achar mais conveniente e na situação que desejar, pois aprendeu por uma finalidade.

Sem dúvida o discurso fará parte de todo o processo de ensino do professor, e de todo o processo de aprendizagem do aluno. O discurso do aluno, no entanto, é mais

visado porque repete o do professor e acrescenta o seu próprio. Está presente nesse discurso a ideologia, por exemplo, que determina e caracteriza a visão de mundo do aprendiz. De acordo com Fiorin (2001), a ideologia é

constituída pela realidade e constituinte da realidade. Não é um conjunto de idéias que surge do nada ou da mente privilegiada de alguns pensadores. Por isso, diz-se que ela é determinada, em última instância, pelo nível econômico. (p.30).

A ideologia e o discurso sugerem que se trabalhe visando o êxito lingüístico do aluno. Este terá de interagir com o que sabe o professor e levar para sua própria realidade o que necessita para desenvolver-se como “hablante” em potencial.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É oportuno ressaltar aqui minha experiência como docente de língua espanhola em cursinho de idiomas. Muitos alunos vêm pelas diferentes questões expostas anteriormente, e isso influencia muito na aprendizagem e na potencialização dos conhecimentos acerca da nova língua.

O discurso ideológico implícito em suas falas e ações deixa claro até que ponto este aluno quer chegar com as aulas, ou seja, como e para quê quer aprender o idioma. Trabalhar sob essas questões não atrapalha a prática pedagógica do professor, mas sim o total aprendizado do aluno, pois este se limita a ver e entender o que acredita ser proveitoso no momento.

É de suma importância ter em mente e refletir sobre a posição do professor nesses casos. Ele atua como mediador apenas do conhecimento, como facilitador e não como detentor de todo o saber, pois o aluno já vem com pré-concepções e modelos cognitivos formados, o que facilita também as prováveis associações do idioma alvo com o materno.

Ensinar uma língua estrangeira não é somente ensinar a falar e escrever, é uma tarefa que vai além disso. É ensinar a refletir sobre o uso que se faz desse novo idioma e até que ponto podemos ir sabendo que estamos aptos a exercer com fluência a língua aprendida.

Oportunizar o contato e a fluência necessários em uma L2 é deveras instigante para muitos professores, e é isso que torna o ensino do espanhol, por exemplo, digno de motivação e interesse pelo grande idioma que é, e pela grande influência que pode exercer na vida daqueles que o comprehendem em sua totalidade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ARIAS, Sandra de Lullo. **Guia do espanhol para quem só fala portunhol**. 3 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.  
FILHO, José Carlos P. de Almeida (org.). **O professor de língua estrangeira em formação**. Campinas: Pontes, 1999.

- \_\_\_\_\_. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas.** 2 ed. São Paulo: Pontes, 1998.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia.** 7 ed. São Paulo: Ática, 2001.
- FLEURI, Reinaldo Matias. **Educar para quê? Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- GIOVANNINI, Arno; PERIS, Ernesto Martín; RODRIGUES, María; SIMÓN, Terencio. **Profesor en acción 1 – el proceso de aprendizaje.** Madrid: Edelsa Grupo Didascalia S. A., 1996.
- HALLIDAY. M. A. K.; MACINTOSH, Angus; STREVENS, Peter. **As ciências lingüísticas e o ensino de línguas.** Rio de Janeiro: Vozes, 1974.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita – atividades de retextualização.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

---

<sup>1</sup> Professora de Língua Portuguesa e Língua Espanhola, e pós-graduanda em Lingüística e Ensino da Língua e da Literatura pela UNICRUZ – Universidade de Cruz Alta.